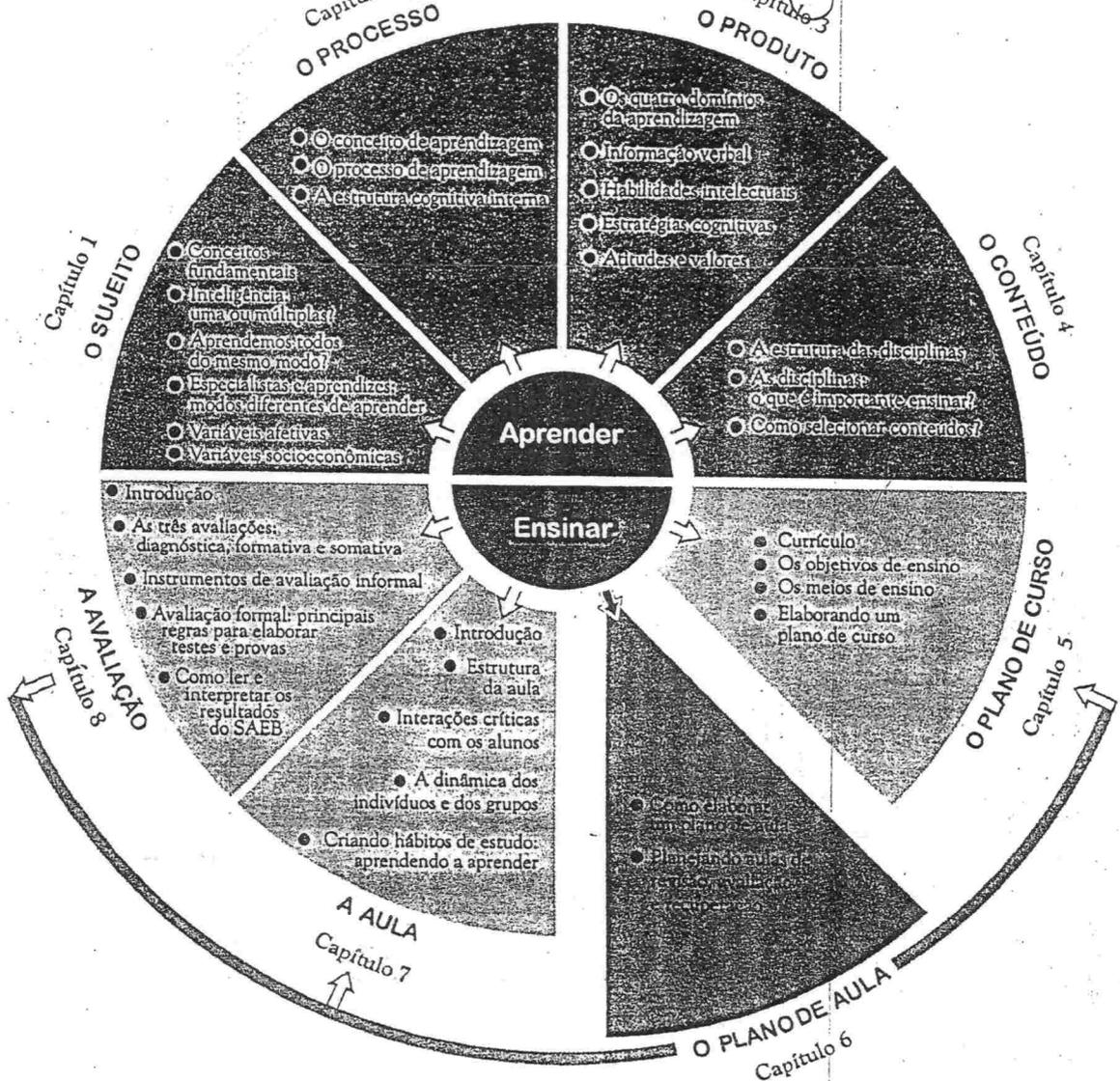


Arquivo e Clive... Wick, C. Ensinar é aprender. Global, 2001.



ENSINAR: O PLANO DE AULA

CAPÍTULO

6

No capítulo anterior, aprendemos como elaborar um plano de curso, utilizando conceitos aprendidos na primeira parte do livro, além de três novos conjuntos de informação sobre currículo, objetivos e meios. Neste capítulo, analisaremos outro instrumento de planejamento e decisão dos professores: o plano de aula. Trata-se de uma ferramenta de decisões que o professor toma a respeito do que ele vai fazer, do que os alunos deverão realizar e de como ele vai averiguar se seus objetivos foram atingidos. Antes de prosseguir a leitura, preencha as três primeiras colunas do quadro da página 15.

COMO ELABORAR UM PLANO DE AULA

- A aula, a sala de aula e o plano de aula
- Elementos pedagógicos do plano de aula

● Como elaborar um plano de aula

O PLANO DE AULA
Capítulo 6

Um elemento-chave do ensino eficaz reside no planejamento das atividades de ensino/aprendizagem realizadas na escola, particularmente na sala de aula. Esse planejamento deve ser feito para cada dia de aula e é parte das responsabilidades profissionais do professor. Um plano de aula contém a síntese das decisões pedagógicas do professor a respeito do que ensinar, como ensinar e como avaliar o que ensinou. Contém também importantes dicas, pistas e lembretes para o professor.

O plano de aula é um instrumento individual de trabalho e, portanto, altamente idiossincrático. O roteiro seguido neste capítulo refere-se a um plano de aula completo e abrangente. Ele destina-se tanto a professores iniciantes quanto a professores experientes. O que um plano deve conter é o mesmo em ambos os casos. O que pode variar é o nível de detalhe e a forma de registro, que alteram de acordo com a experiência e o estilo de cada professor.



Neste capítulo você irá utilizar tudo o que aprendeu nos capítulos anteriores para planejar uma aula.

Faça um esquema dos principais conceitos que o ajudarão no cumprimento dessa tarefa.

A aula, a sala de aula e o plano de aula

O plano de aula tem como fundo a aula e a sala de aula. Antes de iniciar a elaboração do plano, convém rever as relações entre essas três dimensões.

Primeiro: a aula é parte integrante de um plano de curso que, por sua vez, integra a proposta pedagógica de uma escola, a qual é parte de um sistema ou uma proposta educacional. Portanto, deve incorporar objetivos e metas desse sistema, bem como as expectativas dos vários integrantes da comunidade escolar. Uma aula nunca é um evento isolado. Os objetivos de longo prazo materializam-se a cada dia.

Segundo: a sala de aula é um lugar físico, estruturado para a realização de atividades de ensino/aprendizagem. O termo "sala de aula" é tomado em sentido amplo, já que essas atividades podem ocorrer dentro ou fora das "quatro paredes" da sala de aula ou mesmo da escola. Esse conceito implica o seguinte:

- o principal papel do professor na sala de aula consiste em tomar decisões para promover a aprendizagem de seus alunos de forma eficaz e eficiente;
- a aula é um evento estruturado;
- conseqüentemente, a responsabilidade do professor é a de planejar a aula e tomar decisões que afetam a aprendizagem de cada aluno;

APRENDER E ENSINAR

- o conceito de estrutura sugere que essas atividades devam ser executadas de forma eficiente, particularmente no que se refere ao uso do tempo, o que reforça a importância do plano de aula.

O conceito de eficiência ressalta a variável tempo. O tempo é o insumo mais caro – e mais precioso – da educação e do aluno. O tempo do professor representa de 60 a 80% do custo do ensino. O tempo do aluno é único, passa logo e, se for mal-aproveitado, repercute pelo resto de sua vida. Cada aula, portanto, é um episódio fundamental na utilização do tempo de permanência do aluno na escola.

No Brasil, onde o tempo de permanência na escola e na sala de aula é muito curto – quatro horas por dia, 800 horas por ano –, o professor é responsável por programar atividades de estudo, exercícios e projetos para serem feitos em horários extra-aula, sobretudo em casa. Essas atividades são essenciais, não só para complementar o tempo de aula, mas para instaurar hábitos de estudo, habilidades de estudo independente. Também são essenciais para compensar as dificuldades dos alunos com menor ritmo de aprendizagem – já que fora da aula podem progredir em seu ritmo próprio.

Terceiro: cada aula deve ser cuidadosamente planejada, ministrada, avaliada e revista para permitir o replanejamento da aula seguinte. Sem isso, o professor pode chegar ao final do semestre, ou do ano, sem ter cumprido o seu plano, e sem condições ou tempo de promover a recuperação dos alunos que não acompanharam o andamento do programa.

Elementos pedagógicos do plano de aula

Um plano de aula é o instrumento de trabalho do professor, destinado a orientar suas decisões para facilitar a aprendizagem do aluno. É um instrumento de decisão. Portanto, sua adequação depende de dois critérios: utilidade para o professor e eficácia para que os alunos aprendam. Um terceiro uso seria para facilitar o acompanhamento e supervisão das atividades do professor pela direção da escola e possibilitar uma eventual substituição.

Normalmente, um plano de aula inclui decisões do professor a respeito de:

- conteúdo, estrutura, seqüência e forma de apresentação das atividades, estímulos e meios a serem utilizados;
- estratégias para avaliação;
- previsão de tarefas extraclasse, como estudos, projetos e exercícios ou atividades para facilitar a retenção, consolidar a aprendizagem e a aplicação de conhecimentos;
- atendimento individualizado a alunos ou grupos de alunos.

O quadro 6.1 sintetiza as principais decisões que devem ser refletidas num plano de aula:

Quadro 6.1
Principais decisões num plano de aula

| Decisões prévias | Decisões durante a aula | Decisões posteriores |
|---|--|---|
| <ul style="list-style-type: none">• Conteúdos• Seqüência• Atividades• Tempo disponível para cada atividade e ritmo de trabalho• Materiais e meios | <ul style="list-style-type: none">• Tempo de aprendizagem• Adequação do ritmo• Adequação da estrutura• Interações, perguntas• Metacognição | <ul style="list-style-type: none">• Avaliação• <i>Feedback</i> aos alunos• Reforços• Correções• Autocrítica |

Não existe uma forma única ou ideal para elaborar um plano de aula. O plano é um instrumento de decisão individual do professor. O formato do plano depende da escola, da disciplina, do professor, de sua experiência com a matéria e com os alunos. O que importa é sua utilidade para ajudar as decisões do professor e seu impacto na aprendizagem dos alunos. Ou é útil para estes, ou não tem qualquer utilidade.

Na prática, é importante para o professor encontrar um equilíbrio entre as necessidades de balizar suas decisões e o trabalho de escrever seu plano. Se o professor não tem qualquer idéia a respeito do que pretende com uma aula, dificilmente saberá se atingiu seus objetivos. Para que os alunos possam aprender, o professor deve analisar os objetivos para cada aula e tomar as decisões adequadas para que isso ocorra.

Nem tudo o que ocorre numa sala de aula pode ser previsto em detalhes, mas a maioria desses eventos pode e deve ser analisada antecipadamente por um professor eficaz. O quadro 6.2 detalha um pouco mais essas atividades, repartindo as responsabilidades entre professor e alunos.

Quadro 6.2
Atividades que devem ocorrer em uma sala de aula

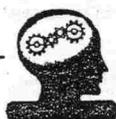
| Professor | Atividades dos alunos | | |
|--|---|---|---|
| | Coletivo | Grupos/duplas | Individual |
| <ul style="list-style-type: none"> • Motivar • Selecionar exemplos • Selecionar materiais • Exposição verbal • Apoio aos alunos • Avaliação • <i>Feedback</i> • Orientação | <ul style="list-style-type: none"> • Ouvir exposições do professor ou de colegas • Fazer apresentações • Ver e discutir apresentações em vídeo ou outros meios • Comentar trabalhos individuais ou de grupo | <ul style="list-style-type: none"> • Identificar material • Realizar exercício, projetos ou atividades • Ouvir exposição de membros do grupo ou de outros grupos • Avaliar trabalhos do grupo | <ul style="list-style-type: none"> • Leitura • Identificar informação • Estudo, pesquisa, exercícios • Usar estratégias para realizar tarefas • Auto-avaliação |

A lista abaixo pode ajudar o professor a verificar a adequação e o equilíbrio de seu plano de aula:

- objetivos e conteúdo (cognitivos, afetivos, longo prazo);
- estrutura e forma do que vai ser ensinado;
- o que os alunos já sabem;
- o que precisa ser recordado previamente pelos alunos ou na aula (pré-requisitos);
- como motivar os alunos, como contextualizar o que vai ser ensinado;
- materiais/meios/equipamentos requeridos;
- como saber se os alunos aprenderam (avaliação).

Essa lista não é feita ao acaso. Ela decorre da concepção de aprendizagem discutida nos capítulos anteriores e sintetizada no esquema a seguir:

| Nível de entrada dos alunos | Programa de ensino | Resultados esperados e <i>feedback</i> |
|--|--|---|
| <ul style="list-style-type: none"> • Conhecimentos, habilidades, atitudes | <ul style="list-style-type: none"> • Objetivos, conteúdos, métodos, materiais | <ul style="list-style-type: none"> • Conhecimentos e habilidades obtidos, progressos na metacognição, etc. |



- Compare o quadro anterior com a resposta que você deu no início desta seção.
- Reorganize o esquema que você fez para incorporar algum conceito ou dimensão que tenha faltado.

APRENDER E ENSINAR

Essa síntese sugere que o professor deve elaborar seu próprio plano de aula de forma que:

- inclua todos os elementos importantes;
- seja fácil de preparar;
- seja útil durante a aula;
- seja eficaz, isto é, que efetivamente o ajude a alcançar e confirmar os resultados previstos.

O quadro 6.3 apresenta uma sugestão para elaborar um plano de aula que incorpora todas as recomendações contidas nesta seção.

Quadro 6.3
Sugestão de plano de aula – sete elementos-chave

| Formulário de Plano de Aula |
|--|
| Nome do Professor: Curso/Série: |
| 1. Objetivos gerais: Objetivos específicos (o que será ensinado na aula): |
| 2. Pré-requisitos (o que os alunos já sabem): |
| 3. O que deverá ser revisto na aula: |
| 4. Considerações sobre motivação/representações poderosas/aplicações práticas: |
| 5. Atividades a serem desenvolvidas: |
| 6. Materiais necessários: |
| 7. Como avaliar: |

Objetivos e conteúdos

Objetivos de ensino podem ser classificados de diversas formas; neste livro adotamos a seguinte classificação:

- cognitivos – o que o aluno deve saber ou poder fazer;
- afetivos – as atitudes que o aluno deve desenvolver em relação ao estudo e ao tema;
- motores – quando os objetivos exigirem destrezas especiais ou uso dos músculos (artes, educação física, caligrafia, laboratórios, etc.);
- estratégicos – incluindo o desenvolvimento de estratégias de metacognição.

Os objetivos da educação são sempre de longo prazo – o que o aluno aprende na escola deve servir sempre ou para aprender mais ou para aplicar em situações novas, no futuro próximo ou remoto. Mas, a cada aula, existem objetivos mais próximos que deverão ser atingidos. Cada aula é um passo para lograr os objetivos de longo prazo. O que ocorre em cada aula deve ser consistente com esses objetivos.

Normalmente, os objetivos mais gerais encontram-se estabelecidos em normas oficiais, livros didáticos, propostas da escola ou no próprio plano de curso do professor. Antes de qualquer aula, o professor precisa ter em mente – ou no papel – aquilo que os alunos irão saber ou ser capazes de fazer como resultado da aula. Cada aula pode ser vista como um episódio para resolver a diferença entre o que o aluno sabe e o que deve saber, entre o que existe e o que deve existir.

Por exemplo: uma aula pode ter como objetivo que o aluno possa demonstrar um amplo domínio da informação a respeito do povoamento da América e relacionar essa informação com sua vida, como alguém que vive na América. Esse objetivo sinaliza a direção da aula. Permite que o professor planeje as demais atividades. Obviamente um objetivo como este está relacionado a outros que, em conjunto, compõem a história do continente. Este é o objetivo ou marco geral, dentro do qual a aula será planejada e ministrada. Os quadros 6.3.1 a 6.3.7 apresentam o formulário de plano de aula, sugerido no quadro 6.3, preenchido em cada um dos aspectos-chave.

Quadro 6.3.1
Plano de aula: objetivos

| | | |
|---|-----------------|-----------|
| Professor(a)..... | Curso: História | Série: 5ª |
| Objetivo geral: compreender, isto é, mostrar amplo domínio da informação acerca da história relevante do continente americano. | | |
| Objetivos específicos: | | |
| <ul style="list-style-type: none"> • ser capaz de descrever, oralmente e por escrito, como e quando a América foi povoada, cobrindo os principais temas e acertando pelo menos 80% da informação; • com textos ou mapas apropriados, localizar a América utilizando mapas e coordenadas geográficas, sem erro; • com textos ou mapas apropriados, localizar a posição de pelo menos cinco principais países da América no planisfério, sem erro. | | |

O que os alunos já sabem ou devem saber (pré-requisitos)

A aprendizagem pode ser vista como um processo de ir de um estado atual (o que existe) para um estado desejado (o que deve ser). Nesses termos, os objetivos mencionados no item anterior constituem o que deve ser. Os conhecimentos que os alunos já possuem são o que existe.

Toda aprendizagem se apóia em aprendizagens anteriores. Sem essa base, é muito difícil aprender. Cada nova aprendizagem requer a existência dos elementos que constituem o ponto de partida. O que o aluno já sabe – e deve saber – é crucial, pois a aprendizagem é um processo cumulativo.

O que os alunos sabem pode ser dividido em duas principais classes de conhecimentos.

A primeira é o que sabem em geral sobre a disciplina, e que será muito útil para “ancorar” o novo conhecimento e facilitar sua posterior generalização. Quanto mais conhecimento geral do assunto ou da disciplina os alunos possuem, mais fácil, firme e robusta será sua aprendizagem, bem como as condições para sua recuperação e generalização posterior. Por exemplo, suponhamos que o aluno tenha uma boa idéia de como é a forma do continente americano, saiba identificar a maioria dos países do continente e possua um sentido geral da sua história. Se ele já sabe tudo isso, compreender o povoamento da América será mais fácil. Mas, suponhamos que ele não tenha muito conhecimento anterior sobre o tema. Certamente terá muito mais dificuldade e precisará aprender algumas dessas coisas para compreender como se deu o povoamento.

Muitos alunos, particularmente os chamados “alunos em risco”, possuem apenas conhecimentos frágeis. Não possuem informação e destrezas básicas – seja na Matemática, na Língua Portuguesa, em História ou Ciências. Sua cultura geral tende a ser muito restrita. As debilidades de conhecimento, como vimos no capítulo 1, podem ser categorizadas em três grupos:

- falta de base: conhecimentos gerais e específicos;
- conhecimentos frágeis:
 - conhecimentos ingênuos;
 - conhecimentos rituais;
 - pensamento pobre;
- falta de pré-requisitos.



Pré-requisitos

Este é um bom momento para você rever o que significam esses conceitos (capítulo 1). Isso ilustra a importância dos pré-requisitos na aprendizagem e aplicação de conhecimentos – que é o que você está fazendo neste momento.

Um tipo de conhecimento mais pertinente, direto e preciso chama-se “pré-requisito”. Este é um conhecimento essencial para que o aluno possa acompanhar uma aula e aprender algo novo. São elementos relativamente específicos, que facilitam a nova aprendizagem. Sua ausência é séria e pode impossibilitar a aprendizagem. No caso do exemplo do povoamento da América, os pré-requisitos podem incluir o conhecimento de vocabulário (séculos, períodos), destrezas cartográficas, conhecimento de escalas, ou a compreensão de conceitos como sociedade, povos, etc.

Pré-requisito refere-se a algo aprendido anteriormente e que integra uma nova aprendizagem. Essa nova aprendizagem não pode ocorrer sem que o pré-requisito tenha sido aprendido anteriormente e esteja disponível na memória ativa.

A análise dos conteúdos de cada aula e a experiência do professor normalmente são suficientes e adequadas para determinar que pré-requisitos devem ser ressaltados.

Uma importante decisão do professor é se a aprendizagem ou revisão dos pré-requisitos será feita durante a aula ou previamente pelo aluno. Nesse caso, ele deve preparar instruções para estudo prévio dos alunos, na forma de atividades ou estudo para serem realizados em casa.

Outra decisão: não fazer caso omissivo, fingir que os pré-requisitos não têm importância, ou que o aluno vai “pegar” os pré-requisitos com o tempo. Aprendizagem não ocorre dessa forma. Cabe ao professor assegurar que o aluno esteja pronto para a aula, para dar um passo novo a cada aula. Identificar pré-requisitos relevantes e assegurar o seu domínio é decisão profissional de responsabilidade do professor.

O quadro 6.3.2 ilustra como registrar os pré-requisitos no plano de aula.

Quadro 6.3.2
Plano de aula: pré-requisitos

Professor(a)..... Curso: História Série: 5ª

Objetivo geral: compreender, isto é, mostrar amplo domínio da informação acerca da história relevante do continente americano.

Objetivos específicos:

- ser capaz de descrever, oralmente ou por escrito, como e quando a América foi povoada, cobrindo os principais temas e acertando pelo menos 80% da informação;
- com textos ou mapas apropriados, localizar a América utilizando mapas e coordenadas geográficas, sem erro;
- com textos ou mapas apropriados, localizar a posição de pelo menos cinco principais países da América no planisfério, sem erro.

Pré-requisitos: conceitos de Terra, esférico, tridimensional, nome dos continentes, conceito de sociedade, leitura de mapas e símbolos cartográficos.

Quando os pré-requisitos são informação verbal e conceitos, como no quadro acima, pode-se apresentar uma lista deles. Quando os pré-requisitos são destrezas específicas, é importante especificar quais são elas. Por exemplo, para que o aluno possa dividir números com mais de dois dígitos, os pré-requisitos devem incluir um bom domínio da tabuada de multiplicar.

O que o professor irá rever na aula

Como já foi dito e enfatizado, toda aprendizagem repousa em aprendizagens anteriores. Recordar assuntos, conceitos, idéias, operações já aprendidas facilita novas aprendizagens e permite aplicar o conhecido a novas situações.

Cada unidade deve ser concluída com um balanço ou avaliação do que foi aprendido e com informações ou orientações sobre a unidade seguinte – ressaltando para os alunos a relação entre elas e delas com os objetivos gerais do curso. Por exemplo: “Acabamos de estudar a importância dos conceitos de espaço e tempo para entender a história dos povos. Agora vamos iniciar o estudo do povoamento da América. Nossos objetivos nessa unidade serão: conhecer os povos que viviam na América, sua origem, a organização dos grandes impérios, suas formas de vida. Vocês deverão recordar o significado dos termos séculos, períodos, povos, astecas, maias. Também devem procurar lembrar-se de como podemos saber a forma pela qual diferentes povos passam a habitar e viver em um novo continente...”

A forma de recordar e de provocar os alunos para reativar conhecimentos anteriores – falando, perguntando, conversando, exemplificando – ajuda a despertar, também, a metacognição, de forma que o aluno passe a pensar sobre o que vai aprender e sobre os métodos que precisa usar para adquirir novos conhecimentos. O professor também pode despertar a metacognição para que os alunos pensem no que vão aprender, como, e como vão saber que aprenderam (por exemplo: “Como podemos saber a forma pela qual diferentes povos passaram a habitar e viver em um novo continente?”).

Quadro 6.3.3

Plano de aula: o que deve ser revisto na aula

| | | |
|--|-----------------|-----------|
| Professor(a)..... | Curso: História | Série: 5ª |
| Objetivo geral: compreender, isto é, mostrar amplo domínio da informação acerca da história relevante do continente americano. | | |
| Objetivos específicos: | | |
| <ul style="list-style-type: none"> • ser capaz de descrever, oralmente ou por escrito, como e quando a América foi povoada, cobrindo os principais temas e acertando pelo menos 80% da informação; • com textos ou mapas apropriados, localizar a América utilizando mapas e coordenadas geográficas, sem erro; • com textos ou mapas apropriados, localizar a posição de pelo menos cinco principais países da América no planisfério, sem erro. | | |
| Pré-requisitos: conceitos de Terra, esférico, tridimensional, nome dos continentes, conceito de sociedade, leitura de mapas e símbolos cartográficos. | | |
| O que os alunos devem poder recordar: a idéia de que a História desenrola-se no tempo e no espaço; termos como séculos, períodos, povos, astecas, maias, etc.; como podemos saber a forma pela qual diferentes povos passaram a habitar e viver em um novo continente. | | |

O professor experiente sabe o que será revisto no dever de casa prévio, no estudo prévio feito pelos alunos ou no início da aula ou da unidade. Essa decisão depende da complexidade do assunto, do nível do desempenho da classe e de considerações práticas, sobretudo a respeito do tempo necessário. O professor menos experiente deverá especificar tudo o que considera essencial e assegurar, de preferência por meio de atividades prévias, que os alunos revejam e dominem esses pré-requisitos. Na sala de aula, ele deve-se limitar a atualizar e “refrescar” esses conhecimentos utilizando perguntas, fazendo comentários, resumos ou outras observações pertinentes.

APRENDER E ENSINAR

Considerações sobre motivação, representações poderosas e aplicações práticas

Motivar os alunos é uma tarefa cada vez mais difícil, particularmente em sociedades que apresentam estímulos variáveis em velocidade cada vez mais alucinante – muitas vezes mais interessantes do que o que escola oferece – e onde prevalece a cultura do prazer e da satisfação imediata de vontades e desejos. Mas existem algumas idéias que podem ajudar a encaminhar a motivação.

A motivação numa aula é algo muito concreto e tem duas implicações que também são muito concretas. Uma delas é a de energizar, mobilizar a atenção, o esforço e a energia do aluno. A outra é a de conectar o aluno com o tema e objetivo da aula. A mobilização, portanto, tem que ser permanente e duradoura – não se trata de qualquer estímulo, apenas para chamar a atenção inicial dos alunos.

As pessoas nascem com motivação para aprender. Desde cedo, as pessoas têm disposição para aprender, com tendências e inclinações para determinados tipos de informação ou conhecimento – conceitos fisiológicos, biológicos, noção de causalidade, números e linguagem: são todos conceitos que guardam uma forte relação com o cotidiano. Isso sugere que, quanto mais o professor relaciona o que ensina com o dia-a-dia dos alunos, maior chance tem de motivá-los. Entre as estratégias práticas mais relevantes, o professor pode contextualizar o ensino, criar ou desenvolver projetos, estabelecer desafios relacionando conceitos ou princípios a serem aprendidos com a solução de problemas práticos de interesse dos alunos, envolvendo-os na própria determinação ou descoberta de oportunidades ou necessidades para aplicar o conhecimento aprendido. A forma de apresentar essas relações a cada unidade, subunidade ou aula é fator preponderante para atrair e manter a atenção, a motivação e o esforço dos alunos em cada aula.



Representações poderosas

Reveja o conceito de representações poderosas.
Pense numa aula e numa forma poderosa para representar o conceito-chave da aula e mostrar aplicações práticas que os alunos nunca mais vão esquecer.
Registre como você acha que essas representações poderiam influenciar a motivação dos alunos e mantê-los conectados.

Os alunos dependem de vontade e esforço para aprender. Desde cedo, aprendem estratégias de estudo e de metacognição, de forma implícita ou explícita, às vezes, inclusive, de forma inconsciente. Ajudá-los a tomar consciência de sua aprendizagem, a aumentar a responsabilidade pela aprendizagem e a dominar estratégias e técnicas de estudar e aprender é outro conjunto de ações que contribuem para manter a motivação e torná-la cada vez mais internalizada (motivação intrínseca).

A principal motivação é aquela que vem de dentro, a automotivação. Mas outras pessoas, sobretudo o professor e os colegas, desempenham papel importante. O ponto-chave consiste em identificar e estimular interesses comuns a grupos de alunos – o que ajuda alunos menos motivados a identificarem-se com os objetivos de um grupo. Cabe também ao professor identificar barreiras ou interesses específicos para estimular um aluno que poderá ter maior facilidade ou dificuldade para acompanhar uma determinada explicação. A seguir, sintetizamos os vários tipos de motivação e sugerimos algumas atividades que o professor pode planejar e implementar em suas aulas.

Tipos de motivação que o professor pode utilizar

INTELECTUAIS

- Conhecer resultados
- Conhecer objetivos
- Conhecer o significado
- Participar na escolha de temas ou projetos
- Participar na avaliação

APRENDER E ENSINAR

O planejamento dos elementos de envolvimento e motivação depende do professor, de seu estilo, da disciplina, do nível dos alunos e das características de cada classe. Raramente, alguma classe é homogênea em qualquer aspecto, particularmente no que diz respeito à motivação. Mas, em qualquer classe, sempre existem alunos mais motivados e outros mais indiferentes. Uma das formas de lidar com a diversidade é criar condições para que os alunos mais interessados sirvam de estímulo para os menos interessados – o que se pode fazer pela emulação e competição, mas, preferivelmente, pelo exemplo e pela colaboração.

A forma de planejar e organizar as atividades – trabalhos individuais, duplas, grupos ou atividades coletivas – também pode contribuir para motivar e manter motivados os alunos. Por exemplo:

- A aprendizagem colaborativa é um instrumento de comprovada eficácia para a aprendizagem, inclusive quando envolve alunos com níveis de maturidade e conhecimento diferentes: os que sabem mais, ou são mais maduros, ajudam os que sabem menos, ou são menos maduros. E, na prática, eles próprios acabam aprendendo mais.
- O trabalho em duplas é particularmente eficaz para permitir o diálogo entre alunos, para dar oportunidade a que um aluno explicite o raciocínio (processo mental/estratégias cognitivas) para o colega e para propiciar oportunidade de dar e receber *feedback* sem muita exposição à observação e crítica dos demais colegas.
- O trabalho em grupo pode ser eficaz quando os objetivos e tarefas são claramente definidos pelo professor ou pelo próprio grupo, os papéis de cada aluno são bem divididos, e os produtos a serem apresentados são relevantes para a aprendizagem. O estudo em grupo também pode ser indicado em tarefas que exigem diferentes talentos ou discussão e apreciação de diferentes pontos de vista.

A forma de apresentar *feedback* para os alunos também é muito importante. Tanto o professor quanto os colegas devem aprender a apresentar *feedback* de maneira construtiva, objetiva, procurando sempre ressaltar os pontos positivos e evitar a crítica, o sarcasmo e, sobretudo, o constrangimento.

Quadro 6.3.4

Plano de aula: motivação/representações poderosas

Professor(a)..... Curso: História Série: 5^a

Objetivo geral: compreender, isto é, mostrar amplo domínio da informação acerca da história relevante do continente americano.

Objetivos específicos:

- ser capaz de descrever, oralmente ou por escrito, como e quando a América foi povoada, cobrindo os principais temas e acertando pelo menos 80% da informação;
- com textos ou mapas apropriados, localizar a América utilizando mapas e coordenadas geográficas, sem erro;
- com textos ou mapas apropriados, localizar a posição de pelo menos cinco principais países da América no planisfério, sem erro.

Pré-requisitos: conceitos de Terra, esférico, tridimensional, nome dos continentes, conceito de sociedade, leitura de mapas e símbolos cartográficos.

O que os alunos devem poder recordar: a idéia de que a História desenrola-se no tempo e no espaço; termos como séculos, períodos, povos, astecas, maias, etc.; como podemos saber a forma pela qual diferentes povos passaram a habitar e viver em um novo continente.

Motivação: conhecimento dos objetivos propostos; conhecimento da importância e possíveis aplicações dos conhecimentos; representações, exemplos e aplicações relevantes a serem ressaltados; palavras, atividades e desafios para “conectar o aluno”; formatos de atividades que levem à cooperação/outras formas de estimulação.

EMOCIONAIS

- Elogios
- Prêmios
- Reprimendas
- Castigos

SOCIAIS

- Emulação
- Cooperação
- Competição
- Aprovação pelos colegas

As motivações intelectuais derivam do desejo de conhecer, de perceber significado ou relevância, de participar do planejamento ou da avaliação. Todas essas motivações são essencialmente internas, manifestam o desejo do aluno de aprender. Por essa razão, constituem-se elementos motivacionais muito fortes, que devem ser estimulados e reforçados. Obviamente, sendo pessoais, esses elementos são idiossincráticos. Daí que o professor deve conhecer pessoalmente cada um de seus alunos, para poder atingir cada um deles.

As motivações emocionais baseiam-se em sentimentos como prazer e dor, sentimentos esses que também favorecem ou inibem a aprendizagem. O que subjaz esses sentimentos é a aprovação (uma necessidade básica importante para todos os seres humanos) ou a desaprovação. Há duas categorias de motivação emocional, que são pólos opostos de um mesmo *continuum* – prêmios e punições. As pessoas buscam prêmios (que dão prazer) e evitam punições (que causam dor).

Essas são motivações externas às pessoas e seriam mais bem denominadas incentivos. Sendo externas, possuem menos força do que as anteriores, as motivações intelectuais, que são internas. De qualquer forma, são instrumentos importantes para o planejamento didático e para o relacionamento do professor com os alunos.

Prêmios, elogios e incentivos são pedagogicamente mais positivos e eficazes. Mas seu excesso é prejudicial. Seus resultados variam – dependem da reação do aluno à natureza, da força dos estímulos e da frequência com que são utilizados. Devem ser compatíveis com os esforços e progressos de cada aluno – mais do que com os resultados.

Para que sejam eficazes, do ponto de vista pedagógico, as reprimendas, as sanções e os castigos devem ter caráter de reparação, mais do que expiação. Ou seja: qualquer que seja a forma de chamar a atenção para um erro, comportamento intelectual ou social não apropriado, a correção deve deixar claro para o aluno o que se espera dele – a resposta ou comportamento apropriado – de forma que outros alunos possam aprender com essa comunicação.

As motivações sociais referem-se à relação do indivíduo com figuras de autoridade (pais, professores) e com seu grupo de colegas. Podem ter várias formas de se manifestar, como a submissão, cooperação, competição ou uma mistura delas.

Alunos mais jovens têm forte necessidade de aprovação de seus pais e professores e outras pessoas adultas. Na adolescência e no início da juventude, os alunos já dependem muito mais da aprovação e sanção do grupo. Quando “estudar” e “dar duro” não têm aprovação do grupo, o aluno tem mais dificuldade para manter-se esforçando. A emulação – que inclui o uso de figuras adultas, heróis, ou mesmo colegas que servem de exemplo para os demais – sempre foi muito adotada, mas seu impacto depende do significado da pessoa que serve de exemplo para os alunos. É particularmente útil quando a pessoa emulada serve de estímulo para desenvolver novas competências e fortalecer o sentimento de auto-eficácia.

Alguns alunos são muito motivados pela competição individual. Outros só se motivam para competir quando a competição se dá entre grupos, e não entre indivíduos. Particularmente em classes de jovens adolescentes, o professor deve estar atento para os fatores que levam meninos e meninas a utilizar ou evitar a competição entre pessoas de mesmo sexo, ou do sexo oposto, como formas para fortalecer ou inibir suas competências e esforços.

A cooperação é a forma mais poderosa – e, portanto, mais desejável e eficaz – de motivar os alunos. Além disso, a capacidade de cooperar e aprender a estudar, aprender a trabalhar produtivamente em grupos é um objetivo educacional da maioria das escolas.

Ao fazer o plano de aula, a cada dia, é impensável detalhar todos esses aspectos. Mas o professor pode concentrar-se explicitamente em um dos aspectos mencionados anteriormente e em um ou mais alunos que merecem especial atenção e motivação. Dessa forma, o professor vai-se habituar com a idéia de que ele sempre ensina algo a alguém e que o plano de aula tem que considerar tanto o algo quanto o alguém.

Atividades a serem desenvolvidas

A cada aula, normalmente, é possível lidar com um ou dois objetivos específicos, dependendo de sua complexidade e extensão. Raramente é possível lidar com muito mais do que isso – sobretudo porque os objetivos sempre envolvem subobjetivos e outras metas de longo prazo – inclusive relacionadas com a formação de hábitos, atitudes e de metacognição.

O conceito de atividade é um dos conceitos mais mal-entendidos nas práticas pedagógicas – o que se reflete comumente nos problemas apresentados em muitos livros didáticos. O mal-entendido expressa-se de várias formas, tais como:

- as atividades não têm a ver com objetivos, texto ou contexto da aula;
- as atividades são voltadas para manter os alunos ocupados;
- as atividades são eminentemente mecânicas;
- as atividades não são relacionadas explicitamente com os objetivos da aula;
- as atividades não são relacionadas umas com as outras;
- confunde-se o conceito de atividade com manipulação ou atividade física;
- as atividades não são conferidas ou corrigidas: o aluno fica sem *feedback*.

As atividades são os eventos instrucionais. O que ocorre numa sala de aula depende, fundamentalmente, dos objetivos e conteúdos de cada aula. Os objetivos e conteúdos relacionam-se com o nível de tratamento (informação, habilidades intelectuais, etc.) que será aplicado aos conteúdos. Uma coisa é deduzir um teorema, outra é fazer contas sobre as quatro operações, uma terceira é resolver problemas verbais. É com base na análise desses objetivos e de sua experiência que o professor vai identificar as melhores formas de “representar” ou apresentar esses conteúdos aos alunos. É isso – mais os recursos e meios de que dispõe – que vão definir a natureza das atividades que serão utilizadas em cada aula. Na implementação da aula, muitas vezes são necessários ajustes para acomodar diferenças individuais ou deficiências de planejamento – para mais ou para menos.

As atividades mais comuns em sala de aula podem ser agrupadas nas seguintes categorias:

- Atividades preparatórias. Cada aula é parte de um contexto, de uma unidade, de uma subunidade ou de um projeto. Os alunos já devem chegar na aula com informações a respeito do tema, estudos prévios, exercícios pertinentes, perguntas ou outras atividades que foram definidas previamente pelo professor. Essas atividades, portanto, devem ser planejadas com antecedência pelo professor e ser integradas no início da aula seguinte.
- Atividades de motivação/contextualização. O uso de perguntas, desafios, correção de tarefas relevantes feitas em casa, exemplos, situações/problemas, definição de metas e tarefas para o dia normalmente marcam o início da aula e a forma de o professor chamar e conquistar a atenção dos alunos. Eventualmente, essas atividades podem incluir a apresentação de um filme, figura, ícone ou outra forma de “ativação” dos alunos. Um professor experiente articula essas atividades com as atividades preparatórias.
- Atividades da aula propriamente dita. As demais atividades dependem do tipo de aula, se expositiva, em grupo, pesquisas, projetos, etc. A escolha de meios também está intimamente relacionada com a natureza e forma das atividades escolhidas. As atividades didáticas mais típicas incluem:
 1. Exposição. As aulas expositivas – habitualmente dadas pelo professor – devem ser cuidadosamente planejadas, para o aluno compreender não apenas a informação, mas as formas mais eficazes de estruturá-la. Boas aulas expositivas devem incluir o uso do quadro-de-giz ou outros recursos que

APRENDER E ENSINAR

permitam sintetizar as informações por meio de esquemas, desenhos, ilustrações ou outros mapas conceituais que ajudem o aluno a armazenar e recuperar a informação. A exposição pode e deve ser entremeadada de perguntas feitas pelo professor ou pelos alunos. Eventualmente, a exposição pode consistir em uma leitura, ou apresentação de um filme ou vídeo, que pode ser interrompido para ressaltar aspectos importantes. Ou pode consistir em uma demonstração (de um teorema, problema, operação, princípio, regra, etc.). A apresentação de leituras, filmes ou vídeos deve sempre ser precedida de informações que funcionem como "organizadores avançados", para ajudar o aluno a antecipar perguntas e respostas a respeito do que será apresentado. Exemplos e contra-exemplos são fundamentais para aprofundar, enriquecer e tornar robusta a aprendizagem do que está sendo "exposto". Normalmente, as aulas expositivas são entremeadadas com espaços para perguntas de iniciativa do professor ou dos alunos.

2. Leituras. A leitura, análise e interpretação de texto constituem uma atividade muito comum no ensino da maioria das disciplinas. Essa atividade pode ser inteiramente dirigida pelo professor ou estruturada com a ajuda de roteiros, questões ou exercícios.
3. Práticas. As atividades práticas normalmente são precedidas de uma explicação ou demonstração. Essa explicação ou demonstração pode ser feita como uma exposição ou por meio de leituras ou de instruções que acompanham as atividades práticas. As práticas têm por objetivo aplicar e sedimentar o conhecimento. Podem ser realizadas como atividades individuais, em duplas, em pequenos grupos ou como tarefas coletivas. Todas as atividades práticas devem ser concluídas com correção e *feedback* – que pode ser feito pelo aluno, pelo colega ou pelo professor. Em alguns casos, o resultado das atividades práticas de um grupo pode ser relatado para o restante da turma. Nesses casos, o professor deve dar instruções claras a respeito do conteúdo e da forma do relato. Os alunos também devem tomar o tempo necessário para preparar e treinar esse tipo de relato, de maneira a se tornarem cada vez mais proficientes e competentes nesse tipo de atividade.
4. Projeto/Laboratório. Diversas atividades se estruturam na forma de um produto, projeto ou laboratório, que pode durar uma aula ou mais. Em qualquer caso, o professor deve assegurar que os alunos tenham clareza sobre: o que fazer, como fazer, como apresentar o resultado e em que prazo. Essas orientações podem ser dadas pelo professor ou estabelecidas pelo próprio indivíduo ou grupo, dependendo do seu grau de autonomia. O importante é que não sejam deixadas ao acaso.
5. Correção e relatórios. Muitas das atividades que ocorrem em sala de aula referem-se à correção de trabalhos e à apresentação de relatórios. Essas atividades também podem ser feitas individualmente, em grupos ou coletivamente. O importante é assegurar que a correção seja uma oportunidade de aprendizagem, e não um exercício mecânico. Isso implica relacionar os exercícios ou tarefas com os objetivos. Implica, sobretudo, dar *feedback* construtivo, seja para elogiar bons desempenhos, seja para ajudar o aluno a identificar erros, imperfeições ou desajustes e aprimorar o trabalho. A forma de o professor dar *feedback* constitui-se não apenas em reforço da aprendizagem, mas em exemplo para que os demais alunos aprendam a dar *feedback* positivo e a aprender vicariamente, isto é, a partir da experiência dos outros.

Grau de individualização das atividades

Para cada atividade, o plano deve indicar o formato, o conteúdo, as questões, as formas de trabalho, o material necessário, o tempo previsto. O professor também deve anotar os exemplos, modelos e pontos importantes a serem ressaltados ao final de cada atividade e a relação das atividades entre si, entre as atividades e o objetivo da aula, subunidade ou projeto.

O plano de aula deve incluir uma previsão de como serão realizadas as tarefas de aprendizagem na aula. Atividades expositivas geralmente envolvem um trabalho coletivo. O mesmo ocorre na apresentação de trabalho de grupos. Nesse caso, o professor deve planejar e orientar os grupos sobre o que e como devem apresentar o resultado de seu trabalho. Também deve planejar como os demais grupos devem ouvir e reagir ao que foi apresentado pelos colegas. Atividades individuais, de duplas ou coletivas também requerem plane-

jamento prévio: o aluno deve sempre saber o que tem que fazer, como fazer, que produto é esperado e qual o tempo de que dispõe.

Uma das funções do plano de aula é prever o tempo necessário para as tarefas e assegurar uma variedade de formatos, de maneira a evitar que a aula fique monótona. O formato das tarefas, no entanto, deve obedecer prioritariamente à natureza da atividade. Outra importante função é assegurar que as instruções e os materiais necessários para a execução das tarefas estejam adequadamente preparados – de maneira a garantir o melhor aproveitamento possível do tempo de aula:

Tendo em vista o caráter rotineiro dessas atividades, convém que o professor, no início de cada ano, treine seus alunos para realizar diversos tipos de atividade: como se organizar, como escolher o líder, como escolher o relator, como se movimentar na sala, como preparar apresentações, como fazer apresentações, como dar *feedback*, etc. Isso gera uma grande economia de tempo no resto do ano.

Quadro 6.3.5

Plano de aula: atividades a serem desenvolvidas

Professor(a)..... Curso: História Série: 5ª

Objetivo geral: compreender, isto é, mostrar amplo domínio da informação acerca da história relevante do continente americano.

Objetivos específicos:

- ser capaz de descrever, oralmente ou por escrito, como e quando a América foi povoada, cobrindo os principais temas e acertando pelo menos 80% da informação;
- com textos ou mapas apropriados, localizar a América utilizando mapas e coordenadas geográficas, sem erro;
- com textos ou mapas apropriados, localizar a posição de pelo menos cinco principais países da América no planisfério, sem erro.

Pré-requisitos: conceitos de Terra, esférico, tridimensional, nome dos continentes, conceito de sociedade, leitura de mapas e símbolos cartográficos:

O que os alunos devem poder recordar: a idéia de que a História se desenrola no tempo e no espaço; termos como séculos, períodos, povos, astecas, maias, etc.; como podemos saber a forma pela qual diferentes povos passaram a habitar e viver em um novo continente.

Motivação: conhecimento dos objetivos propostos; conhecimento da importância e possíveis aplicações dos conhecimentos; representações, exemplos e aplicações relevantes a serem ressaltados; palavras, atividades e desafios para “conectar o aluno”; formatos de atividades que levem à cooperação/outras formas de estimulação.

Grau de individualização das atividades:

- atividade 1: leitura individual dos textos; discussão para tirar dúvidas;
- atividade 2: pequenos grupos para fazer os exercícios com os mapas e preparar uma apresentação sobre o povoamento da América;
- atividade 3 (coletiva): plenária para discussão dos resultados e apresentação oral dos grupos;
- atividade 4: avaliação dos grupos (uns pelos outros).

Materiais necessários

Os materiais necessários já terão sido especificados na definição das atividades, uma vez que ambos estão intimamente ligados.

A variedade de materiais de aprendizagem é quase infinita – tudo que existe no mundo, a rigor, pode ser aprendido e pode tornar-se objeto de aprendizagem. No entanto, alguns materiais são mais adequados e

APRENDER E ENSINAR

eficientes do que outros. Os mais usuais, além do quadro, são os livros didáticos, livros de referência (dicionários, mapas, atlas, livros técnicos, etc.), ilustrações, cartazes e outros visuais. Muitas vezes, o professor identifica trechos – em livros técnicos, literários ou até letras de música – para servir de material de trabalho. Por vezes, na falta de material que considera adequado para atingir o objetivo, elabora textos ou exercícios.

Ultimamente, o uso de *softwares* tem-se tornado crescente. Em muitas disciplinas – sobretudo nas séries mais elementares e nas disciplinas experimentais – são usados materiais concretos, como espécimes, modelos, jogos ou laboratórios.

A necessidade e a vantagem de o professor sempre pensar especificamente nos materiais, a cada aula, são para assegurar que:

- a) os materiais sejam compatíveis com as formas que o professor utiliza para apresentar ou representar os conteúdos;
- b) os materiais estejam disponíveis;
- c) as instruções para trabalhos em sala ou laboratórios estejam elaboradas de forma clara, para que o tempo seja utilizado para a execução das tarefas de aprendizagem, e não para organizá-las.

Quadro 6.3.6

Plano de aula: materiais necessários

| | | |
|---|-----------------|-----------|
| Professor(a)..... | Curso: História | Série: 5ª |
| Objetivo geral: compreender, isto é, mostrar amplo domínio da informação acerca da história relevante do continente americano. | | |
| Objetivos específicos: | | |
| <ul style="list-style-type: none">• ser capaz de descrever, oralmente ou por escrito, como e quando a América foi povoada, cobrindo os principais temas e acertando pelo menos 80% da informação;• com textos ou mapas apropriados, localizar a América utilizando mapas e coordenadas geográficas, sem erros;• com textos ou mapas apropriados, localizar a posição de pelo menos cinco principais países da América no planisfério, sem erro. | | |
| Pré-requisitos: conceitos de Terra, esférico, tridimensional, nome dos continentes, conceito de sociedade, leitura de mapas e símbolos cartográficos. | | |
| O que os alunos devem poder recordar: a idéia de que a História se desenrola no tempo e no espaço; termos como séculos, períodos, povos, astecas, maias, etc.; como podemos saber a forma pela qual diferentes povos passaram a habitar e viver em um novo continente. | | |
| Motivação: conhecimento dos objetivos propostos; conhecimento da importância e possíveis aplicações dos conhecimentos; representações, exemplos e aplicações relevantes a serem ressaltados; palavras, atividades e desafios para “conectar o aluno”; formatos de atividades que levem à cooperação/outras formas de estimulação. | | |
| Grau de individualização das atividades: | | |
| <ul style="list-style-type: none">• atividade 1: pequenos grupos;• atividade 2: leitura individual;• atividade 3: discussão de resultados dos trabalhos dos grupos. | | |
| Materiais necessários: mapas do continente e globos terrestres; textos que constam do livro didático dos alunos; serão disponibilizados livros de referência. | | |

Como avaliar

A única forma de saber se o aluno aprendeu é oferecendo oportunidades para que ele demonstre suas competências. Os objetivos e formas de avaliação são muito variados. Cada forma de avaliação tem suas vantagens e desvantagens. O *feedback* que o professor dá ao fazer e responder a perguntas, ao corrigir trabalhos dos alunos ou ao encerrar atividades de relatos de atividades é uma importante forma de avaliação que ocorre a cada dia.

Assim como a forma de ensino, a estratégia de avaliação deve ser compatível com os objetivos e a estrutura da disciplina – ela deve ser isomórfica com os objetivos. Se o professor define que saber Matemática implica a capacidade de armar equações e resolver problemas, a avaliação deve concentrar-se nesses aspectos – e não apenas verificar se o aluno sabe fazer contas ou dar a resposta correta. Se o objetivo é comunicar com clareza, não basta avaliar se o aluno sabe ortografia. Se o aluno precisa compreender a relação entre fatos históricos, não basta perguntar por fatos e datas.

A avaliação na sala de aula tem dois propósitos. O mais importante é o diagnóstico: aferir onde o aluno está e usar essa informação para atividades de recuperação ou para prosseguir com o programa do curso. Essa avaliação – feita diariamente pelos professores, por meio de conversas, perguntas e observações de seus alunos – é realizada de forma mais sistemática ao final de determinados períodos (uma semana, um mês, uma subunidade ou um bimestre). Essas atividades, ainda que rotineiras, devem ser planejadas e integradas ao plano de curso e ao plano de aula. O outro propósito da avaliação é verificar o nível de desempenho dos alunos em relação aos objetivos do curso – e, nesse aspecto, é usada também como informação para atribuição de notas e acompanhamento do progresso dos alunos por eles próprios e suas famílias. O segundo propósito pode ser implementado utilizando-se uma série de instrumentos que serão apresentados no capítulo 8.

As formas mais usuais de avaliação rotineira incluem:

- observar o trabalho, o comportamento e as reações dos alunos;
- fazer perguntas ou solicitar que o aluno faça perguntas ou que explique para o professor ou para um colega o que compreendeu de um assunto ou tema, de forma escrita ou verbal;
- dar *feedback* construtivo;
- aplicar provas para avaliar o domínio e a compreensão do que está sendo ensinado, ou para verificar se o aluno pode usar o que aprendeu em novas situações.

Outras formas de avaliação muito eficazes, porém mais complexas, trabalhosas e menos utilizadas, incluem:

- elaboração e apresentação de trabalhos individuais ou coletivos, seguindo especificações tanto para elaborar quanto para apresentar os trabalhos;
- elaboração e apresentação escrita ou oral de pesquisas ou atividades de maior fôlego, individuais ou de grupo;
- produção de trabalhos originais, inclusive de natureza artística, ou ainda de caráter interdisciplinar – ou mesmo de diários de campo ou anotações e registros sobre o processo de aprendizagem.

As formas de avaliação e o uso de avaliação, pelo professor, enviam claros sinais para o aluno a respeito do que é importante e do que não o é, sobretudo para os alunos que se preocupam com notas e conceitos, que se preocupam em passar de ano ou não ser reprovados. Por exemplo, se o professor manda fazer trabalhos de casa e não os corrige, ou os corrige de forma burocrática, os alunos deixam de dar-lhes valor. Se o professor encoraja os alunos a fazer anotações e resumos, mas não os estimula a utilizá-los no estudo, na preparação para as provas ou na realização dos trabalhos, os alunos deixam de valorizar essas atividades. Se dá um trabalho complexo, mas baseia a nota unicamente na prova, ou vice-versa, os alunos vão usar essa informação no futuro.

A cada aula, o professor deve planejar cuidadosamente o que será avaliado e de que forma avaliará. A avaliação é a constatação da eficácia de uma aula. Seu papel é crucial. Correção do dever de casa, verificação ou revisão dos pré-requisitos, exercícios, tarefas e desafios de aprendizagem devem assegurar que o professor saiba se está conectado com seus alunos e se eles compreenderam os objetivos fixados para a aula. Limitar-se

APRENDER E ENSINAR

a perguntar "todo mundo entendeu?" não constitui uma forma adequada para avaliar a aprendizagem dos alunos. Essas atividades e perguntas-chave, que servem para demonstrar se efetivamente os alunos atingiram os objetivos da aula, devem ser incorporadas no plano de cada aula.

Quadro 6.3.7 Plano de aula: avaliação

Professor(a)..... Curso: História Série: 5ª

Objetivo geral: compreender, isto é, mostrar amplo domínio da informação acerca da história relevante do continente americano.

Objetivos específicos:

- ser capaz de descrever, oralmente ou por escrito, como e quando a América foi povoada, cobrindo os principais temas e acertando pelo menos 80% da informação;
- com textos ou mapas apropriados, localizar a América utilizando mapas e coordenadas geográficas, sem erros;
- com textos ou mapas apropriados, localizar a posição de pelo menos cinco principais países da América no planisfério, sem erro.

Pré-requisitos: conceitos de Terra, esférico, tridimensional, nome dos continentes, conceito de sociedade, leitura de mapas e símbolos cartográficos.

O que os alunos devem poder recordar: a idéia de que a História se desenrola no tempo e no espaço; termos como séculos, períodos, povos, astecas, maias, etc.; como podemos saber a forma pela qual diferentes povos passaram a habitar e viver em um novo continente.

Motivação: conhecimento dos objetivos propostos; conhecimento da importância e possíveis aplicações dos conhecimentos; representações, exemplos e aplicações relevantes a serem ressaltados; palavras, atividades e desafios para "conectar o aluno"; formatos de atividades que levem à cooperação/outras formas de estimulação.

Grau de individualização das atividades:

- atividade 1: pequenos grupos;
- atividade 2: leitura individual;
- atividade 3: discussão de resultados dos trabalhos dos grupos.

Materiais necessários: mapas do continente e globos terrestres.

Como avaliar:

- leitura – através da discussão após atividade 1;
- trabalhos dos grupos: os grupos utilizarão uma ficha para avaliar a apresentação dos colegas e assegurar que cumpriram todos os requisitos.